



MRT

Componentes da Mesa

Prof. Marini, familiares, amigos

Colegas de Comitiva

Professores, estudantes

Senhoras, Senhores

O Prof. Marini, nosso homenageado, foi um dos fundadores do Curso de Geologia da Universidade de Brasília, sem falsa modéstia, um dos melhores do Brasil – senão o melhor, perdoem minha imodéstia -, e foi também um dos fundadores do Curso de Pós-Graduação em Geologia, um dos poucos classificados como excelente na área.

Conheci Onildo João Marini, ainda calouro, quando iniciamos o Curso de Geologia nos idos de 1960, na então Escola de Geologia da hoje Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Distinguiu-se desde logo pela força, entusiasmo, trabalho, inteligência..., pela dedicação, inquietude, diligência, imaginação, inconformismo..., pela visão, pela liderança, pela coragem e iniciativa de tentar, de fazer, de inovar... São características que destacam, que sublinham toda sua carreira como geólogo, professor, pesquisador e administrador.

Formado em 1963, foi logo trabalhar na Petrobras, tendo atuado como geólogo de superfície no Recôncavo Baiano. Inquieto e corajoso, deu asas à vocação de professor e pesquisador e veio para a UnB em agosto de 1965, para aqui, junto com o saudoso Marcelo José Ribeiro e Jair Ferreira Pinto, viabilizar o início do nosso glorioso Curso de Geologia. Inconformado, junto com outros mais de 200 professores, deixou a UnB quando da extemporânea e injusta demissão de docentes e subsequente horrenda crise que abalou os fundamentos de nossa Universidade no final de 1965.

Chocados, mas também entusiasmados, Arsênio Muratori, José Urroz Lopes, Elimar Trein e eu recebemos Marini de braços abertos na Comissão da Carta Geológica do Paraná no início de 1966, para nos ajudar na extraordinária e estimulante missão de mapear os terrenos pré-cambrianos do Paraná e suas eventuais coberturas fanerozoicas, em escala de semidetalhe, tendo logo sido encarregado da cartografia da Folha Geológica de Araucária. Ao longo dos 2 anos seguintes, 'Tor Marinho' completou e publicou a folha e participou do mapeamento de 9 outras, inclusive coordenando a de Rio Branco do Sul. Participou também de forma decisiva na organização do XXI Congresso Brasileiro de Geologia, sediado em Curitiba, em 1967, particularmente na elaboração de roteiros de excursões geológicas e na construção de volume especial do Boletim Paranaense de Geociências, voltado para a divulgação do extenso somatório de conhecimentos adquiridos pelo edificante trabalho – novamente, perdoem a imodéstia - realizado pelos geólogos da Comissão da Carta. Contribuiu com 4 trabalhos como primeiro autor, focados em geologia, rochas calcárias e recursos minerais do Grupo Açungui e em enxames de diques básicos mesozoicos, além da coautoria de outros 3 trabalhos abordando diversos temas da Geologia paranaense.

Focado em aperfeiçoamento e ampliação de horizontes, no início de 1968 transferiu-se com armas e bagagens para Rio Claro, tornando-se professor da UNESP e ali realizando seu doutorado, sob a orientação do Professor Heinz Ebert, eminente geólogo alemão, com contribuição pioneira à Geologia brasileira. A tese, defendida em 1971, detalhou a geologia do Grupo Açungui na região de Rio Branco do Sul, caracterizada particularmente pela abundância de rochas carbonáticas, base da indústria cimenteira do Paraná e da produção de corretivos de solo para sua importante produção agrícola.

Dentre muitas outras importantes contribuições, dessa investigação decorreu a

discriminação de nova unidade carbonática na geologia paranaense, a Formação Águas Claras.

Concluída a tese, tivemos a boa fortuna de convencer Marini a retornar para a UnB, cá aportando no início de 1971. Incansável, aqui não parou...

Ao longo dos anos que se seguiram ministrou várias disciplinas (e.g. Geologia Histórica, Geologia do Brasil, Fotogeologia, Geologia de Campo...). Em 1972, liderou a reestruturação do trabalho final de graduação, que perdura até nossos dias e vem sendo uma das poderosas alavancas na boa formação de nossos geólogos. Coordenou grandes projetos por meio de convênios com DNPM, Eletronorte, etc., cujos recursos, além de viabilizarem a realização de trabalhos finais entre 1972 e 1979, levaram à cartografia geológica de semidetalhe de extensas áreas do Centro-Oeste, particularmente da Faixa Brasília, e levaram à elaboração de importantes trabalhos de integração regional, contribuição relevante para compreender a Geologia do Brasil central.

Na mesma época, foi Chefe do então Departamento de Geociências e, como tal, liderou a criação do Mestrado em Geologia, com área de concentração em Prospecção e Geologia Econômica, curso em que, a par das de graduação, achou tempo para ministrar várias disciplinas (e.g. Geologia do Pré-Cambriano Brasileiro, Gênese de Jazidas de U e Th...).

Entre 1979 e 1981, presidiu o recém-criado Núcleo de Brasília da Sociedade Brasileira de Geologia, de onde alçou voo para a liderança nacional da SBG, tendo sua gestão sido marcada por memorável contribuição ao Plano Energético do Carvão Mineral. Mais adiante, pela merecida projeção nacional conquistada, liderou a Proposta da SBG ao Programa Integrado de Geociências e Tecnologia Mineral, que se transformou no Programa Nacional de Geociências (PRONAG) e, em seguida, no extraordinário Subprograma de Geociências e Tecnologia Mineral do PADCT, o redentor Programa de Apoio

ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, financiado pelo Banco Mundial, que iluminou o cenário brasileiro de Ciência e Tecnologia nas décadas de 1980 e 1990.

A partir daí, sob a liderança de Onildo Marini, foram elaborados excelentes projetos que, pautados na competência do corpo de docentes/pesquisadores e no conhecimento adquirido por jovens doutores recém retornados de importantes universidades do exterior – lembro aqui de José Gaspar, Marcio Pimentel, Nilson Botelho -, foram aprovados nos colegiados do PADCT e resultaram na radical transformação das Geociências da UnB em centro de excelência em pesquisa, com suporte em laboratórios e equipamentos de grande porte, a exemplo, entre outros, da microsonda eletrônica e do espectrômetro de massa do Laboratório de Geocronologia.

No final dos anos 1980, novamente no exercício da Chefia do Departamento de Geociências, liderou a árdua peleja de transformá-lo em Instituto de Geociências, passando a ser seu primeiro Diretor. O somatório dessas ações, além da criação do Doutorado em Geologia e ampliação das áreas de concentração do curso, levou a Geologia da UnB, que já figurava entre os melhores cursos de Graduação do país, ao patamar de excelência também na Pós-Graduação, obtendo nota A na classificação da CAPES então vigente. Foi membro dos conselhos superiores da UnB, inclusive de seu Conselho Diretor, bem como do Conselho Superior do CNPq.

Orientou 4 mestres, publicou cerca de 6 dezenas de artigos completos, 10 cartas geológicas, 3 livros, 5 capítulos de livros. De sua interação com a Nuclebras resultou, entre outros avanços, a criação da Formação Ticunzal. Vários desses trabalhos, particularmente os de revisão, foram e são marcos no avanço do conhecimento geológico do Centro-Oeste e do Brasil. Cabe destacar especialmente as obras focadas no Desenvolvimento Metodológico

para Exploração Mineral da Amazônia e Caracterização de Minérios e Rejeitos de Depósitos Minerai s Brasileiros.

Mas, após 20 anos de ingente e múltipla trabalh eira, aparentemente cansou. Cansou de nós, da crescente burocracia (ou devo dizer burrocra cia?), de mesquinhas e falácias... Não sem antes ter dado, como vimos na rápida e incompleta resenha acima, contribuição gigante à Universidade de Brasília, às Geociências e ao País.

Aposentou-se... Tomou outro rumo, foi campear em outras paragens... Sempre com inteligência, com visão de futuro, com muito trabalho e dedicação...

De 1991 a 1996 foi pesquisador do Departamento da Produção Mineral, tendo sido Diretor de sua Divisão de Geologia por cerca de 2 anos.

Dedicou-se ao projeto de criação da Agência para Desenvolvimento da Indústria Mineral Brasileira – ADIMB, da qual foi Secretário Executivo até o ano passado. Entre tantas, uma das missões da ADIMB é promover a integração universidade-empresa. Em sua gestão Marini estimulou parcerias e viabilizou projetos de cooperação, de que resultou o avanço do conhecimento, inclusive na forma de dissertações, teses, publicações, etc. Promoveu cerca de 160 cursos em exploração mineral e mineração ministrados por especialistas brasileiros e do exterior para mais de 2000 profissionais. Organizou e coordenou 8 edições do Simpósio Brasileiro de Exploração Mineral, com a participação de cerca de 1000 profissionais em cada evento. Promoveu e organizou 14 missões brasileiras ao Prospectors and Developers Association of Canada (PDAC), o maior evento mundial em exploração mineral e mineração.

Foi também gerente do Fundo Mineral no Centro de Gestão e Estudos Estratégicos.

Suas atividades em benefício do setor mineral brasileiro foram amplamente reconhecidas, tendo sido agraciado com a Medalha Pandiá Calógeras em

2008, concedida pela SBG, por sua contribuição ao desenvolvimento do setor e das ciências geológicas. Reconhecimento, aliás, e felizmente, não faltou a Onildo João Marini. Só em 2018, foi homenageado pela Brazil-Canada Chamber of Commerce, pela ADIMB e pela Revista Brasil Mineral como Personalidade do Ano do Setor Mineral. Antes disso, foi homenageado pelos empresários da Missão Brasileira ao PDAC 2017; por várias turmas de geólogos formados pela UnB; pelo IG/UnB quando das comemorações da passagem dos 40 e 50 anos de seu Curso de Geologia; pela SBG. Recebeu a Medalha Irajá Damiani Pinto, concedida pelo Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por ocasião da comemoração de 50 anos do Curso de Geologia daquela instituição.

Faltou, porém, uma homenagem! A definitiva, por parte da nossa Universidade de Brasília! Mas, cá estamos, ainda que com grande atraso, para nos redimir... Salve, Dr. Onildo João Marini, Professor Emérito da Universidade de Brasília!